

A Inmaque da Natureza

nº 17



AGENDA

Mês	Dia	Ícone	Evento
Setembro	22		Equinócio do Outono: 22h19.
	26		Quarto Crescente. Marés mortas.
	1		Nascimento: 07h27. Ocaso: 19h15.
	1		Dia Nacional da Água.
Outubro	4		Dia Internacional dos Direitos do Animal.
	4		Lua Cheia. Marés vivas.
	11		Quarto Minguante. Marés mortas.
	18		Lua Nova. Marés vivas.
	25		Às 2h00, atrasar os relógios 60 mn.
	26		Quarto Crescente. Marés mortas.
Novembro	1		Nascimento: 06h56. Ocaso: 17h34.
	2		Lua Cheia. Marés vivas.
	9		Quarto Minguante. Marés mortas.
	16		Dia Nacional do Mar.
	16		Lua Nova. Marés vivas.
	18		Chuva de meteoros (Leónidas).
Dezembro	23		Dia da Floresta Autóctone.
	24		Quarto Crescente. Marés mortas.
	1		Nascimento: 07h27. Ocaso: 17h15.
	2		Lua Cheia. Marés vivas.
	9		Quarto Minguante. Marés mortas.
	11		Dia Internacional das Montanhas.
14		Chuva de meteoros (Geminidas).	
16		Lua Nova. Marés vivas.	
21		Solstício do Inverno: 17h47.	

VIAJANTES DO POLO NORTE

As extensas praias desertas da Costa Sudoeste e da Ria Formosa são o paraíso invernal do pilrito-da-areia (*Calidris alba*). Desde o final do Verão, aqui arribam pequenos bandos de aves extenuadas, vindas directamente das tundras do norte da Europa e da Gronelândia onde decorreu a época reprodutora. Para esta pequena ave de apenas um palmo de comprimento, o tempo é agora de descanso e belas petiscadas. À primeira vista parecem andar a brincar ao agarrar-agarra com as ondas do mar, fugindo da rebentação praia adentro para logo se precipitarem por entre a espuma que desvanece. Na verdade, estão simplesmente a alimentar-se na areia molhada ou entre as algas arrojadas pelo mar, procurando freneticamente capturar pequenos vermes e crustáceos com o seu bico curto e direito, antes que nova onda rebente. E assim se vão passando os meses, entre borrascas e calmarias, até que, em Abril ou Maio a ordem é para partir de novo rumo às distantes regiões boreais.



CRECHE DE GENETAS

As maternidades no mundo muito particular da geneta (*Genetta genetta*) estão abertas entre Março e Novembro, mas a maior parte dos nascimentos ocorre em Abril/Maio ou Setembro/Outubro. Durante 10 a 11 semanas a fêmea aguardou serenamente o momento de dar à luz 2 a 3 pequenas e desprotegidas crias que miam ou gemem sem parar e só 45 dias depois se atrevem a sair da toca, geralmente uma cavidade numa rocha ou árvore velha. Começa então a época das brincadeiras, perseguindo os irmãos, saltando sobre si mes-



mos, caçando presas imaginárias, sempre sob o olhar atento da mãe. Ao cabo de 2 a 4 meses os jovens dominam já todas as técnicas de caça, estando habilitados a apanhar e apreciar pequenos roedores, a base da sua dieta futura, mas também répteis, anfíbios, insectos e frutos. Mais tarde ou mais cedo abandonam o torrão natal, procurando conquistar o seu próprio território. A geneta, um dos mais belos carnívoros da nossa fauna, é perseguida sem piedade e sem justificação pelos caçadores e, também com frequência, morre atropelada ao tentar atravessar de noite as estradas mais movimentadas.

REAPARECEM AS LESMAS

O regresso das chuvas faz rejubilar as lesmas que passaram a época seca refugiadas no fundo de alguma fenda mais húmida do solo. Uma das espécies mais interessantes é a lesma-mariânica (*Geomalacus anguiformis*), endémica da Sierra Morena e das serras do Baixo Alentejo e Algarve. Vive nos barrancos e taludes cobertos de vegetação das zonas mais húmidas dos montados e matagais serranos, saindo geralmente ao anoitecer ou após grandes chuvadas. De tamanho médio (6 a 7 cm) e corpo castanho ou negro-azulado, esta lesma desloca-se lentamente por entre a manta-morta da floresta, deixando atrás de si um rasto de muco amarelado. Com os tentáculos bem espetados, o animal procura encontrar algum saboroso cogumelo, musgo ou líquen que possa raspar ou roer com auxílio da "rádula", uma estrutura exclusiva dos moluscos, constituída por uma faixa de pequenos dentes quitinosos e curvos situada na base da boca.

SANGRADURA VEGETAL

Embora possa florir ao longo de quase todo o ano, a erva-das-sete-sangrias (*Lithospermum lusitanicum*) torna-se mais visível no princípio do Outono, época em que são mais raras as flores vistosas. É um modesto arbusto muito ramificado que normalmente pouco ultrapassa meio metro de altura, com folhas estreitas de margens enroladas, cobertas de pelos curtos e ásperos. As suas belas flores são de tamanho médio (cerca de 1 cm), com pétalas azuis e tubo da corola arroxeadado, aparecendo um pouco por todo o Algarve. O estranho nome vulgar da planta está relacionado com o uso que dela se faz em medicina tradicional para fazer "baixar o sangue", dizendo-se que equivaleria a sete sangrias de outras tantas sanguesugas. Na verdade, a infusão dos seus ramos floridos é um remédio popular muito comum para combater a hipertensão.



BERBEQUIM DA FLORESTA

Chegou a época das bolotas e castanhas. Para os apreciadores humanos e não-humanos (ratos-do-campo, aves) é sempre mau sinal quando descobrem frutos “bichados” com o seu característico buraquinho redondo. Isto significa que o gorgulho-das-castanhas (*Curculio elephas*) já entrou em acção. Como o nome científico deste insecto revela, ele possui um apêndice bucal especializado (rostro), equipado com duas antenas, o qual, na fêmea, chega a ultrapassar o



tamanho do próprio corpo. Após três semanas de fim de Verão a alimentar-se de gomos e frutos novos, a fêmea dedica-se então a perfurar com esta “tromba” descomunal cerca de vinte bolotas ou castanhas maduras ainda na árvore, as quais normalmente caem prematuramente no solo. O único ovo do gorgulho introduzido pela fêmea em cada fruto logo após este laborioso trabalho de berbequim, demora duas semanas a transformar-se numa larva branca e glutona que se refastela à vontade com a saborosa polpa. Uns vinte dias depois, a larva abre caminho para o exterior e enterra-se no solo onde passa toda a época desfavorável, para depois completar o seu desenvolvimento até ao Verão seguinte.

COGUMELO MUSICAL

Um dos cogumelos outonais mais frequentes nos nossos pinhais é o boleto-de-Bellini (*Suillus bellinii*). O chapéu, com 4 a 12 cm de diâmetro, está coberto por uma cutícula acastanhada e viscosa que deixa manchadas as mãos de quem a toca. O pé é curto, esbranquiçado e pontilhado de granulações escuras, resultado de secreções resinosas que caem dos poros enquanto jovens. O nome deste cogumelo resume o acolhimento diferenciado que lhe é reservado: muito pouco apreciado por uns (“suillus” significa precisamente “próprio dos porcos”) e bastante gabado por outros que assim compreenderão melhor a homenagem aqui prestada ao célebre músico italiano do séc. XIX Vincenzo Bellini. Para consumir este cogumelo deve-se previamente retirar a cutícula (que se separa facilmente) e os poros amarelados. A carne, branca-amarelada, é um pouco esponjosa, mas adocicada e de sabor a coco muito agradável. Substituí, por exemplo, com óbvias vantagens o toucinho num prato de carne.



BARBAS DE VELHO À CHUVA

As chuvas do Outono são propícias ao desenvolvimento da barba-de-velho (*Usnea subfloridana*). Este líquen verde-amarelado ou acinzentado cresce sobre os ramos de diverso tipo de árvores como sobreiro, azinheira, oliveira ou medronheiro, apresentando-se sob a forma de tufos erectos ou pendentes, muito ramificados e agarrados à casca da árvore por uma estreita base negra, chegando a atingir 15 cm de comprimento. A parte interior dos talos, de cor branca, é particularmente elástica, ao contrário da bainha exterior quebradiça. Nesta última camada encontram-se abrigadas inúmeras células de *Trebouxia*, uma alga verde microscópica que estabelece com o resto do líquen (o qual, na verdade, é apenas um fungo ascomicete “requalificado”) uma relação de simbiose. Os filamentos do líquen/fungo (hifas), para além de absorverem água através de toda a sua superfície, também são capazes de captar substâncias minerais directamente da atmosfera, elementos essenciais para a sobrevivência da alga. O líquen torna-se assim um importante bioindicador dos níveis de poluição, pois certos poluentes urbanos ou industriais como o dióxido de enxofre afectam gravemente a fotossíntese da alga que deixa então de produzir alimento para o fungo, levando à morte do líquen. As estruturas reprodutoras típicas dos fungos ascomicetes (apotecios, em forma de taça) são muito pouco frequentes nesta espécie. A reprodução é geralmente assegurada através da formação, na superfície dos ramos laterais, de minúsculos propágulos vegetativos (sorális) constituídos por pequenos aglomerados de hifas e algas, que acabam eventualmente por se destacar e ir colonizar novas superfícies. A barba-de-velho é usada, desde há séculos, como gaze antiséptica natural, eficaz na prevenção da infecção de feridas e tratamento de gangrenas, uma vez que contém ácido úsnico, um potente antibiótico.



FLAGELADO PARA NÃO SER COMIDO

A salamandra-de-costelas-salientes (*Pleurodeles waltl*) é o maior anfíbio da nossa fauna, podendo os adultos ultrapassar os 30 cm de comprimento. O seu nome vulgar provém de uma extraordinária adaptação defensiva destes animais. Ao longo de cada flanco dispõem-se 7 a 10 protuberâncias glandulares de tom amarelo-alaranjado, produtoras de um muco irritante, nas quais se encontram alojadas as extremidades aguçadas de uma parte das costelas. A ameaça destas puas, que o animal pode fazer sobressair externamente, é muitas vezes suficiente para levar a desistir da sua captura os potenciais predadores. Nas zonas mais secas do Algarve, esta espécie permanece em terra a maior parte do ano, escondendo-se em cavidades do solo, debaixo de pedras ou entre as raízes de arbustos e árvores, procurando as águas temporárias de charcos e ribeiras logo após as primeiras chuvadas outonais mais intensas. O acasalamento dá-se no fundo da água, produzindo o macho uma espécie de saco gelatinoso contendo os espermatozóides (espermatóforo) que acaba por ser recolhido pela cloaca da fêmea. Alguns dias depois, a fêmea inicia a deposição de 200 a 300 ovos, dispostos isoladamente ou em grupos, sobre as plantas aquáticas ou entre as pedras. Passadas cerca de duas semanas, nascem as larvas. Estas mantêm-se na água durante 3 ou 4 meses, atingindo 7 cm de comprimento, já com um aspecto muito parecido ao dos progenitores, após o que migram para terra.



NATAL ANTECIPADO

As bagas vermelhas do azevinho (*Ilex aquifolium*) alegrem, a partir de Outubro, as sebes e matas mais frescas e húmidas da Serra de Monchique, nomeadamente nas vertentes mais expostas da Fóia e da Picota. A utilização desta planta como um dos principais símbolos do Natal deve-se provavelmente ao carácter ornamental dos seus ramos verdes com frutos vistosos numa época em que, nas regiões mais a norte da Europa, escasseiam árvores ou arbustos de folha persistente, depositários, de acordo com antigas tradições celtas, dos espíritos da floresta durante a longa época invernal. Costume, por isso mesmo, injustificado nos países meridionais e, de qualquer forma, muito pouco recomendável visto que as bagas de azevinho são bastante tóxicas e, colocadas à mão de semear, facilmente podem ser ingeridas por crianças desavisadas. A planta silvestre está, aliás, legalmente protegida em Portugal desde 1989, sendo proibida a sua destruição ou a simples recolha de ramos.



Bibliografia: Projecto, J. & Lecoq, M. (1998) “Aves da Costa Alentejana” (DRAAlentejo); Larivière, S. & Calzada, J. (2001) “Genetta genetta” Mammalian Species, 680:1-6; Castillejo, J. (1998) “Guía de las Babosas Ibéricas” (RAGC); Castillejo, J. & Iglesias, J. (2005) “Geomolacac (Arrudia) anguiformis” in “Libro Rojo de los Invertebrados de España” (DGCN); Pereira, S. & Heitor, A.. “Manual das Principais Pragas Florestais” (www.confagri.pt); Fraval, A. (1997) “Encyclopédie des Ravageurs Européens” (www.inra.fr/hyppz); Nash, T.H. ed. (1996) “Lichen Biology” (Cambridge Univ. Press); Osa Mateos, L.R. (2003) “Las Setas del Parque Natural Sierra de Aracena y Picos de Aroche” (Dip. Huelva / Caja Rural del Sur). Ilustrações: pilrito - Mdf (GNU-FDL); geneta - www.retamatour.com; lesma - Castillejo & Iglesias (2005); gorgulho - Jeff Delonge (www.entomart.be); líquen - Einar Timdal (www.nhm.uio.no/botanisk/lav); salamandra - Peter Halasz (Creative Commons). Textos e ilustrações restantes: Almgem (Setembro/2009).